AVEIRO, 5 DE MAIO DE 1978 — ANO XXIV — N.º 1198

SEMANÁRIO
PREÇO AVULSO — 4$00

Director, editor e proprietário — David Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

As Canárias e o Túmulo de João de Albuquerque

no Museu de Aveiro

HONORINDA CERVEIRA

II

Quem foi, ao certo, João de Albuquerque?

A primeira notícia concreta que encontrei nas pesquisas para este trabalho surge com uma carta de D. Duarte. «...A uos Juizes daauiro E a todallas outras Nossas Justiças... Sabede que nos querendo fazer graça e merçee a Joham Dalboquerque caualeiro Da casa do Ifamte meu muyto preçado E amado Irmãao...». Como devem calcular, este «irmão» é o Infante Dom Pedro, duque de Coimbra e senhor de Aveiro, «o das sete partidas», «o mártir de Alfarrobeira». Mas de «cavaleiro» do Infante sobe na hierarquia social do tempo. E vamos encontrar uma nova carta que nos diz mais alguma coisa.

«Dom Affonso... A quantos esta carta vyrem fazemos saber que esguardamdo nos os seruiços que Joham dalboquerque do nosso conselho a elRey meu Senhor e padre que deus haja e a nos tem feitos e assy meesmo os que da llinhagem de que deçemde sempre fizeram a elRey dom Joham meu avoo querendo agallardoar como a todo virtuoso primçipe cabe fazer aaquelles que o mui bem e muy lealmente servem... Teemos por bem e fazemoslhe merçee e pura doaçam da Jurdiçam crime que nos auemos em a uilla desgueyra...».

Por esta carta de D. Afonso V, de 18 de Dezembro de 1454, ficamos a saber que João de Albuquerque era do conselho do Rei e que lhe fora concedida a Jurisdição crime de Esgueira, até ali pertencente à Coroa — «que nos auemos» — em paga dos serviços prestados à realeza desde D. Duarte — «meu Senhor e padre que deus aja». Pessoalmente ocupava cargos importantes pelo seu próprio valor, como se depreende; mas há algo mais: — esses bons serviços e lealdade vinham já de longe, do tempo de D. João I — «e assy meesmo os que da llinhagem de que deçemde sempre fizeram a elRey dom Joham meu avoo». Gente do Mestre de Avis, portugueses fiéis à sua terra e à sua independência nacional, portanto.

Sabe-se quem foram os seus progenitores: — D. Teresa de Albuquerque e Vasco Martins da Cunha, «o velho», senhor de Tábua. E sua mulher, D. Helena Pereira, era irmã de Fernão Pereira, da Casa da Feira e escudeiro de D. Duarte, ainda infante, — o qual fora casado com D. Isabel de Albuquerque, irmã do próprio João de Albuquerque. Sabendo-se como se sabe que a casa da Feira era das mais importantes

Continua na página 3

GOVERNANTES E GOVERNADOS

VIRIATO TELES

Cada um pensa e escreve como quer e da maneira que acha melhor. Para isso serviu o 25 de Abril, para isso se acabou com a censura em Portugal.

Regra elementar da democracia, dizem-me. Da democracia burguesa, acrescento. De facto, o conceito burguês de democracia é isso mesmo: a liberdade vista de modo abstracto, uma *liberdade* que engloba o *direito* de explorar, o *direito* de passar fome, o *direito* de ser oprimido. Uma *liberdade*, em suma, que contém em si todas as anti-liberdades, em que o capital conspira à sua vontade e a extrema-direita vai para o governo quando a Constituição fala muito claramente em socialismo... Uma liberdade que, por força dos elementos que a compõem, não o é.

Fala-se muito em ditaduras, tecem-se horrores à volta da palavra, e no entanto poucos são os que conseguem dar (ou pretendem dar) uma ideia real daquilo que significa, na realidade, o termo. A contrapor à ditadura apontam-nos a liberdade, ambas elas tomadas duma forma irreal e abstracta. Efectivamente, ditadura é qualquer regime político existente. Havendo um Estado a superintender a vida dum

Continua na página 3

Pela dignidade da SOCIEDADE E DA VIDA

MIGUEL A. R. SANTIAGO

Todos sabemos, infelizmente, que a sociedade contemporânea está a tornar-se uma sociedade deveras corrupta e decadente: nela, a prostituição e o crime, sem objecção firme, encontram guarida.

Somos, sem dúvida, hoje, em finais do séc. XX, e cada vez mais, a **sociedade do vício** — como lhe chamou um dia um eminente pensador e filantropo. Seguindo essa ordem de ideias, perguntar-se-á: — Que se vem passando com a mulher dos nossos dias, que loucura se apossou dela?

Pouco a pouco, numa correria doida, lança-se no abismo sem fim das futilidades mundanas. Pouco a pouco, vai perdendo o pudor, a graça própria de mulher, a noção exacta do amor, do lar, da dedicação, do afecto. Perde, em ritmo acelerado, a noção de ser mulher.

Desde há tempos, entrou em tudo, conquistou o que pretendia, mas mostra-se insatisfeita. Que mais deseja? Nem mesmo ela talvez o saiba! Mas uma coisa, essa, não quer com certeza: o saber viver a vida do

Continua na página 3

HUMORISTAS DO NOSSO TEMPO

EM PORTUGAL «VIVE-SE UM CLIMA DE ESTABILIDADE POLÍTICA» (De uma entrevista a jornalistas espanhóis).

EDUARDO CERQUEIRA

Um vulto nacional da amizade de Homem Cristo

JOÃO DE DEUS RAMOS

ESTÁ amplamente provado e consabido o modo de actuante cooperação como Homem Cristo — que só errónea e tendenciosamente se pode acoimar de exclusivo causador de animosidades e malquerenças — admirava e exaltava João de Deus. E a par do lírico, se não mesmo acima dele, quanto louvava nesse intuitivo sistematizado o apóstolo da instrução popular, generalizada às idades tenras mais adequadas. Aliás, por igual se sabe estar nesses temas, e inerentes trabalhos de disseminação germinativa, alguns dos motivos que mais apaixonaram o panfletário-doutrinador aveirense, e mais fecundo ensejo lhe forneceram para demonstrar as suas capacidades de acção prática e profícua, em paralelismo com as ideias que com a sua forma de ardorosa peculiaridade expendia.

Está abundantemente documentada, em orgãos da imprensa diversos e em livro, no seu lúcido e edificante «Pro-Pátria», a obra pertinaz, evangelizadora, prestantíssima, a que se votou no ensino da leitura e demais rudimentos da instrução aos soldados onde serviu como oficial. E, adoptando, quer directamente, quer previamente preparando para o substituir, quando o número de ensinandos excedeu as suas capacidades de actuação individual, algum dos subalternos ou sargentos, a «Cartilha Maternal», na fase de difusão. Utilizando-a, pois, e dela extraindo, criteriosa e entusiasticamente, o máximo de potencialidades e benefícios, mas, como jornalista e, para usarmos uma expressão da época, como «escritor público», tornando-se um verdadeiro apóstolo desse livrinho das primeiras letras — um dos voluminhos beneméritos que delas foram semeadores como que de luzes nos caminhos obscuros de espíritos indesbravados.

De recuada, aliás, nessa desinteressada, esclarecida, desenvolta tarefa de divulgação e propaganda do método de ensino, amorosamente concebido, e que ao tempo ganhara foros de revolucionária eficiência, manteve relações de amizade pessoal, nesse sentido sempre em acuidade — pois não apenas de afini-

Continua na página 5

2 EXPOSIÇÕES *em* AVEIRO

MÁRIO SILVA
CÂNDIDO TELES

GASPAR ALBINO

1. PALAVRA PRÉVIA

Curiosamente, o que se está a passar em Aveiro, em matéria de mostra artística, faz-me lembrar, irresistivelmente, o princípio da década de 60, vivido em Aveiro.

As coisas de arte que se vão parindo vão-se mostrando, com a calma que a nossa maneira de ser apetece.

De algum modo é um renascer de atitude, esta, a de quem recebe o produto artístico: a apetência provocadora de incentivo; o estar presente a dizer que é preciso; a negação ao desvario que aborta à nascença tudo o que conduz (tão somente!) ao acto criador.

Para uns, criar é paixão; para outros, criar é pensar; para mim, criar, é viver. E quanto mais, mais profunda e honestamente, melhor!

Aveiro soube, está a saber ser o que deve ser, mes-

Continua na página 3

PINTURA NA GRADE

«A arte não é nenhum clube de amizades»

Autor anónimo do séc. XIX

MÁRIO DA ROCHA

Ontem, foi Mário Silva. Hoje, volta a ser Cândido Teles. E ambos acabam por se nos mostrarem irmanados: os dois mistificam. Tanto um como o outro estão hoje como já estavam há dez anos. Mortos, portanto. Eles não criam; repetem-se!

E Cândido Teles até mostra que também ele já vislumbra que, assim, já é morto antes de morrer. Quem não muda para poder continuar a ser ele mesmo, esse não resiste ao Tempo. É morto que anda de pé!

Veja, por isso, o leitor: Cândido Teles até pinta a óleo! (Ao menos, esta matéria-prima é rica!). Mas pintando a óleo, Cândido Teles não pinta em tela!... O platex é mais barato. E para o burguês comprador aquilo que mais interessa não é o que é (platex ou tabopan tanto faz), mas aquilo que parece. E para parecer lá está o óleo...

E se o óleo dura uma eternidade, o platex (quem o não sabe?) ou o tabopan não dura uma vida.

Castelos de vento, — cantaria Sá de Miranda...

Platex ou tabopan, tanto faz, — é tudo para vomitar, — diria o Fernando Pessoa! É confrangedor ver o vazio de Cândido Teles. Quando se fartará ele de pintar (?!) moliceiros?

E não nos venham para aqui apontar as catedrais de Monet, as bailarinas de Degas, ou os cavalos de Marini!

Mais do que nunca, hoje é a hora de desencorajar os traficantes da vida. Ou da arte, que é o mesmo!

E só não muda quem não é...

E nós mudámos!

Quinta do Silveiro, 16/4/78

Problemas Sociais

ZÉ-DE-VIANA

■ FAZER DOUTRINA

Tem já três anos feitos a presença semanal desta secção nas colunas do LITORAL. O facto representa uma afirmação de constância e de firmeza no propósito de realizar, ainda que com meios limitados, um trabalho de formação política, reconhecidamente indispensável, ainda que muitos pseudo-democratas e fascistas convictos, dos quais fomos uma das maiores vítimas, não acreditem ou não queiram acreditar no valor dos nossos escritos simples e modestos, movidos por sentimentos egoísticos que corrompem os espíritos.

Há que persistir e continuar. Até porque diariamente se dá conta de que o esforço não é dissipado em vão e de que o interesse do público responde ao estímulo.

É possível, porém, que exista certa incompreensão e que leitores menos advertidos se não apercebam de que, pela concorrência destas formas de acção, se diligencia provocar um recrudescimento de interesse pelas questões de nível doutrinário, tanto no plano das grandes generalidades, como na aplicação aos casos concretos.

É possível que, evocando antigos

Continua na página 3

S. R.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PESCAS

Secretaria de Estado do Comércio e Indústrias Agrícolas

JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS

CAMPANHA LANAR DE 1978

AVISO AOS PRODUTORES

À SEMELHANÇA DOS ANOS ANTERIORES, A JUNTA NACIONAL DOS PRODUTOS PECUÁRIOS CONVIDA **TODOS OS OVINICULTORES** A INSCREVEREM-SE NAS DELEGAÇÕES DA JUNTA, DIRECTAMENTE OU POR INTERMÉDIO DAS ORGANIZAÇÕES DA LAVOURA, A FIM DE LHES SER PRESTADO APOIO TÉCNICO NA PRÓXIMA **CAMPANHA LANAR.**

COMO SE COMPREENDE, HÁ TODA A CONVENIÊNCIA EM QUE SE **INSCREVAM DESDE JÁ,** NÃO SÓ PARA QUE OS SERVIÇOS DA JUNTA ORGANIZEM A TEMPO E HORAS O SEU PLANO DE APOIO, COMO TAMBÉM PARA QUE ESSE PLANO ATENDA AO MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE INTERESSADOS.

ESSE APOIO TÉCNICO, GRATUITO, QUE VAI SER PRESTADO, TERÁ POR OBJECTIVO PRINCIPAL AUXILIAR A LAVOURA NA VALORIZAÇÃO DA LÃ DOS SEUS REBANHOS, PROCURANDO-SE QUE TANTO A TOSQUIA COMO AS OPERAÇÕES COMPLEMENTARES DE ENROLAMENTO E ARMAZENAGEM DOS VELOS SE FAÇAM SEGUNDO AS MELHORES TÉCNICAS.

NORMAS QUE VÃO SEGUIR-SE NA PRÓXIMA CAMPANHA LANAR:

1.º — A Junta só intervirá nas partidas de lã tosquiadas por profissionais encartados, para as quais haja sido solicitado apoio técnico dos Serviços às Delegações deste Organismo.

2.º — A Junta envidará os seus esforços no sentido de organizar as suas brigadas para assegurar um apoio técnico eficiente.

3.º — Os Ovinicultores que desejarem a intervenção da Junta solicitarão o apoio técnico deste Organismo directamente às Delegações da Junta ou por intermédio das organizações da lavoura.

4.º — Nos pedidos, os Ovinicultores deverão indicar: nome e morada; número aproximado de ovinos; local onde tencionam realizar as tosquias e data do seu início; e, ainda, nome da propriedade, com indicação da freguesia e concelho a que pertence.

5.º — A Junta só poderá fazer adiantamento de fundos em relação às partidas de lã que satisfaçam às condições estabelecidas na norma 1.º

6.º — As organizações da lavoura já estão habilitadas a indicar o preço por arroba para efeito de financiamento.

7.º — Os serviços técnicos da Junta classificarão e avaliarão as lãs concentradas nos armazéns das organizações da lavoura, para efeito de estabelecimento do preço de garantia.

8.º — É gratuito todo o apoio que os técnicos da Junta possam prestar aos produtores.

COMO SE DEPREENDE, A FORMA COMO DECORRERÁ A PRÓXIMA CAMPANHA LANAR FICARÁ DEPENDENTE, EM GRANDE PARTE, DO ESPÍRITO COMPREENSIVO E DA COLABORAÇÃO DE TODOS OS OVINICULTORES.

SÓ ASSIM A JUNTA, PELA ACÇÃO DOS SEUS SERVIÇOS TÉCNICOS, PODERÁ COLABORAR EFECTIVAMENTE NA DEFESA DA OVINICULTURA NACIONAL.

Chama-se a atenção, especialmente dos pequenos e médios produtores, para a vantagem que têm em acorrer com as suas partidas de lã às concentrações, pois só assim evitarão os intermediários oportunistas.

Junta Nacional dos Produtos Pecuários, Abril de 1978

2 Exposições em Aveiro

Continuação da 1.ª página

mo hoje, apesar de hoje, ou porque hoje.

As alternativas serão, deverão, terão que ser assumidas, conforme cada um. Na sua perspectiva. Necessariamente nisso.

Daí que de regresso a casa se não possa falar quando se fala de Mário Silva e Cândido Teles, dois artistas que de e em Aveiro muito têm.

Pelo menos, sentir-se-ão bem com o «ar» de Aveiro.

Por muito que custe, este mantem-se. Ainda que, ecologicamente, muito haja a fazer para o melhorar...

2. DO MÁRIO... SILVA

Do Mário. Do Círculo de Artes Plásticas (embrião do Círculo de Artes Plásticas do Clube dos Galitos, Mestre Waldemar da Costa incluído!) de Coimbra/Universidade. Da irreverência de quem fez coisas por conta do bolor da casa do pai, na cave (lembras-te, Mário?), provocando escândalos misturados com saudação muçulmânica em frente à pastelaria Suíça, no Rossio de Lisboa. Lembras-te, Mário, do teu grafismo ultrajante para quem te não compreendia? Por certo que sim. No bolor da casa de teu pai ausente, ao que julgo na Holanda por conta da Philips, pariste loucura/arte. Assustaste o próprio bolor.

Toda a tua cara era um riso aberto do gozo por tudo. A começar por ti mesmo. Gozaste e ainda gozas (felizmente!) com tudo, com todos. Nos teus trabalhos, também.

E ainda bem que abordas assim o que queres fazer. Com a ingenuidade que te apetece.

Mas com uma técnica que dominas. Curiosamente é aí que te encontro diferente. Na técnica. O que me preocupa. Sê mais tu; cada vez mais tu, criando o que queres, como queres, quando queres.

A âncora firma o barco; faz ancoradouro; paralisa; que a técnica não te sirva de estorvo, de limite. Antes te permita trabalhar a todos os azimutes. Mesmo com saudação muçulmânica.

Gostei do que estás a fazer. Só. Volta a Aveiro. O Círculo de Artes precisa de mais pedradas que não sou, não fui capaz de atirar. Sê tu, outros também!, corajoso.

3. DE CÂNDIDO TELES

De Cândido Teles. Dos quadros que vi em casas de amigos. Dos quadros falados por David Cristo, palavras sentidas mostradas à gente quando penduradas nas paredes.

Nos quadros de que gostei e que quereria meus. Mas nos outros estão. E deles gosto. Mais, talvez, pelo ambiente que eles, os quadros, ciosamente, roubaram ao ambiente que é esta Ria nossa onde nascemos.

Sentir a neblina da manhã, ouvindo música num serão de meia-noite, por conta dum quadro de Cândido Teles não é difícil. Quase que a humidade da Ria em nós entra no ambiente mais condicionado.

Sentir a canícula das areias, em pleno inverno, de igual modo é possível: face a um quadro de Cândido Teles.

Sentir o nordeste vergastando os juncais, enfunando velas, empedernindo músculo de mercantel, entesando proa de moliceiro contra o branco cónico do nosso sal de museu, é fácil: basta ver a paleta de Cândido Teles.

Pintor da Ria, emprestado ao Alentejo, vendendo-se em África ou nas ilhas, ele é Ria até ao fim.

Perdoe-me o Dr. David Cristo. Mas discordo. Discordo do que me disse ao telefone.

Cândido Teles, nesta sua última exposição, está mais jovem. Mais pintor. Dantes, o desenho mantinha-se no seu trabalho até ao fim. Depois vinha a cor. Hoje, na mais recente fase da sua gesta, a cor absorve tudo. E a mancha é o quadro. Não mais a linha, suporte do desenho que não mais desaparece, não desaparecia, ao dominar a cor.

A mancha está lá hoje a ser conjugada em todos os tempos; em todas as pessoas. Permitindo que cada um de nós sonhe, por conta do que está feito, o que cada um quer ler no que ficou plasmado no rectângulo-suporte de arte.

Da arte de Cândido Teles.

Dela, para uso de todos nós, ficamos a apetecer a prometida retrospectiva que Aveiro, ao fim e ao cabo, até merece.

GASPAR ALBINO

Problemas Sociais

Continuação da 1.ª página

tempos e relembrando as formas de acção correspondentes a outras coordenadas políticas, haja leitores — e até dos mais bem intencionados — que não deêm conta da realidade e densidade da acção que solicita as atenções para os problemas cuja solução releva a aplicação dos princípios.

A obra de formação política não pode ser feita hoje pelos processos que foram usados quando se tratava de lançar as ideias e a dialéctica se exercia para as fazer penetrar nos espíritos, por assim dizer, debaixo de forma.

Os métodos têm de ser outros e mais adequados às circunstâncias de tempo e de lugar, do clima da nossa época e do condicionalismo das posições que se constituíram.

■ ONTEM E HOJE

Leitores, mesmo dos mais dedicados e até dos mais atentos, que evoquem, por exemplo, a campanha desenvolvida na ex-Assembleia Nacional por SÁ CARNEIRO e OUTROS, que teve papel tão importante na génese da Revolução de 25 de Abril, sentir-se-ão possivelmente desorientados pela mudança que se operou e pelas novas formas que hoje reveste a acção doutrinal. Um ou outro perguntará se, de facto, se concede à doutrina o interesse que ela merece e se efectivamente se trabalha pela sua difusão.

Muita coisa mudou. As ideias impuseram-se e impõem-se pela sua virtude e o nacionalismo português define-se num quadro novo, criado pelo Movimento de 25 de Abril, através da conjugação de elementos de várias origens e do preceptorado mental do DOUTOR SÁ CARNEIRO. Este é um político com cabeça-tronco-e-membros, que só a demagogia barata e o egoísmo paranóico não quer compreender e não quer ver porque os lunáticos são tantos e não sabem que em Democracia autêntica temos direito a liberdade para falar concretamente seja contra quem for, sem papas na língua em casos concretos... para que todos compreendam e assimilem as verdades que todos temos a obrigação de saber.

Existe hoje um corpo de doutrina e, no plano puro dos princípios, a batalha está ganha. Embora no plano sectorial diverso haja muita doença cancerosa cujo vírus é necessário e urgente eliminar... sem dó nem piedade, para bem da saúde de todos os portugueses!

«Temos uma doutrina» e não estamos a divulgá-la como se ela fosse uma novidade. Criar é uma coisa e difundir outra.

A verdade é que a doutrina venceu e que os seus princípios gerais foram assimilados e agora é só corrigir. Se temos de manter a chama e de a espertar, nem por isso se recomenda como útil a indefinida repetição do que está dito e já se integrou no pensamento do grande número.

O problema não é hoje tanto de enunciado constante da virtude essencial da doutrina como da permanente aifrmação da sua validade para a solução dos nossos problemas que relevam fundamentalmente da correcta aplicação desse corpo de ideias e da sua revisão e actualização.

Aveiro, 20.4.78.

ZÉ-DE-VIANA

As Canárias e o Túmulo de João de Albuquerque

Continuação da 1.ª página

repousam no mosteiro de Jesus, hoje Museu de Aveiro. Aliás, D. Helena Pereira era tia de D. Mécia Pereira, irmã do conde da Feira, e uma das fundadoras do mesmo convento. Há, pois, toda uma cadeia de factos que se entrelaçam intimamente.

Mas a presença deste túmulo naquele recinto é apenas casual. O seu primitivo lugar foi na igreja de Nossa Senhora da Misericórdia (a Sé dos nossos dias), na capela onde hoje se encontra o Santíssimo. Ainda ali existe uma pequena lápide com estes dizeres: «Esta Capella He D. Joam Dalboquerque Tem missa cada dia Ele a dotou». Deste assunto nos fala uma segunda carta de D. Afonso V, de 5 de Dezembro de 1477. E é deste teor: «A quantoo esta nossa virem fazemos saber que Joham dalboquerque do nosso conselho nos disse que elle fezera em o mosteiro de Sancta maria da misericordia huma capella para seu Jaziguo e de sua molher. E por que sua vontade era em ella pera sempre se dizer huuma missa em cada huum dia por sua allma e se Repairarem as paredes e telhas pera que non cayssem e durassem perpetuamente queria leixar aa dita capella... huuma quytaa e huuma marinha».

Com efeito, num «Manuscrito da Direcção de Finanças de Aveiro» e acerca de «toda A fazenda de Renda» deste mosteiro, vem mencionado o «Tº da quinta de canelas e da marinha velha das cortes da cap. de João dalboquerque & sua molher dona Illena Pra». E mais adiante: «esta quinta de Canelas cõ seus casães, e pertenças comprou João de Albuquerque a pº peixoto aos 27 de Agto de 1452». Em Fevereiro de 1484, possivelmente já depois da morte do doador, D. João II, de passagem por Aveiro, confirmou a doação das duas propriedades — a quinta de Canelas e a marinha do Puxadouro — feitas ao convento da ordem de São Domingos em escritura de 20 de Agosto de 1477.

Encontrámos ainda outras referências nos livros consultados. Teria sido companheiro de armas de D. Afonso V em África, na conquista das praças fortes em poder dos mouros. Era senhor de Angeja, Pinheiro, Figueiredo e Assequins. Sucedeu-lhe no senhorio um filho, de nome Henrique, que não deixou descendência, tendo essas terras voltado para a Coroa. Conhecem-se mais dois filhos: — Lopo de Albuquerque, capitão da guarda real de D. Afonso V, que o fez conde de Penamacor, com mercê desta vila e da de Abiul. Foi camareiro-mor e copeiro-mor do rei. Acompanhou-o na sua viagem a França, e foi como embaixador a Roma, para obter do papa a dispensa para o casamento do soberano português com a rainha de Castela, D. Joana, a «Excelente Senhora», sobrinha do rei. Mais tarde, no reinado de D. João II, conspirou contra o trono e fugiu para Sevilha, onde morreu. Já a mesma sorte não teve o seu irmão, Pero de Albuquerque, senhor de Angeja, alcaide-mor do Sabugal e Alfaiates. Serviu D. Afonso V na guerra contra Castela. D. João II fê-lo almirante do reino, em 1483. Aliando-se a seu irmão e ao duque de Viseu na conspiração contra o rei, foi decapitado em Montemor-o-Novo, sendo-lhe confiscados os bens.

Quando as Canárias sobem à cena internacional, apraz-nos recordar aqui um nome ligado a essas longínquas viagens de exploração e conquista de um povo que «deu novos mundos ao mundo». Foi essa gente destemida que tirou Portugal da sua mediania medieval e a guindou ao lugar cimeiro entre todas as nações civilizadas do tempo. Não interessa fazer aqui polémica sobre a validade de tais factos, nem o modo como eles se processaram. A História vale por aquilo que ela é e não por aquilo que não foi. «Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», no dizer sempre oportuno do nosso épico; mas a Cultura, a Arte, a História permanecem ao longo dos séculos.

Por isso aqui fica o meu convite: — ide ao Museu de Aveiro. Ele guarda em si uma memória desses feitos e dessas épocas de ouro da nossa pequena-grande Nação. Gravada no belo calcáreo de Ançã, testemunho de uma escola famosa, e com características únicas na nossa Arte funerária dos fins do século XV, ele ali está: o túmulo de João de Albuquerque, um português ousado que «desbaratou o rei da Canária»; um português amante e fiel de «uma soo sua molher».

Aveiro
Abril de 1978

HONORINDA CERVEIRA

Governantes e Governados

Continuação da 1.ª página

país existe automaticamente um domínio de uma classe sobre a(s) outra(s) — ou seja: uma ditadura. Por isso é um erro tomar a palavra como um conceito e contrapor-lhe alternativas. Porque há muitas e diversas formas de ditaduras, substancialmente diferentes e opostas: ditadura fascista, em que as liberdades e os direitos elementares são suprimidos para melhor abrir caminho à exploração capitalista; democracia burguesa, quando esses direitos e liberdades existem, embora continue o capitalismo (ou lacaios do) a ser a classe dominante — com a consequente repressão, assente na qual o capital consegue sobreviver (caso dos países da *Europa connosco*); democracia popular (ou ditadura proletária) em que as classes laboriosas da população, os que eram explorados pelo sistema capitalista, exercem o poder através das suas comissões de base (o que se encontra nos países de Leste e em todos os outros onde triunfou a Revolução Socialista — Cuba, Moçambique, Angola, etc.).

No entanto não é sobre este tema que pretendo, hoje, alongar-me, e, se o trouxe aqui, foi apenas por vir no enquadramento lógico daquilo que se segue.

Dizia eu, no início deste apontamento, que cada um pensa como muito bem quer. E ainda bem que assim é, pois caso contrário não haveria dialéctica na História. Ainda bem que há diferentes maneiras de analisar uma mesma questão. É, pelo menos, sinal de que não somos autómatos e sabemos utilizar o cérebro que temos. A crítica, sendo um direito, constitui também um dever, e é nessa perspectiva que aqui me encontro.

Publicou o «Litoral» num dos seus últimos números um pequeno texto que, apesar de tudo o que se vive actualmente, não deixou de me causar um certo espanto. Não só por estarmos em 1978, em Portugal, quatro anos após o 25 de Abril, mas porque fiquei com a nítida sensação de que Salazar não morrera ainda. Uma das frases do referido artigo dizia exactamente que «o povo — povo-massa — não sabe o que quer, ou o que quer não lhe convém, e por isso mesmo o escol da nação deve querer por ele e para ele». E eu não me esqueço de que foi graças a argumentos deste tipo que o ditador de Santa Comba nos dominou e oprimiu durante 48 anos. Tem sido, aliás, graças a este tipo de *pensamentos* que, não só governantes como a própria Igreja, continuam a negar ao povo os seus principais direitos. E assim vão fazendo aquilo que o articulista, sr. Cruz Malpique, parece condenar no seu primeiro parágrafo: servir-se do povo e não servi-lo.

Claro que, como tudo, o meu espanto foi relativo. E seria, sem dúvida, muito maior se o CDS não estivesse no governo e Sá Carneiro não andasse por aí a dizer o que muito bem lhe apetece sobre o Presidente da República e a Constituição. E se Kaúlza de Arriaga não conspirasse tão abertamente como conspira. E se Mário Soares não andasse pelas páginas da Imprensa a contar as anedotas que conta. Mesmo assim olho, leio, admiro-me. Porque o meu calendário marca o mês de Abril e o ano de 1978 d. C.

VIRIATO TELES

Pela dignidade da SOCIEDADE E DA VIDA

Continuação da 1.ª página

lar, lugar que só ela poderá desempenhar, mercê de uma graça divina — tudo perdeu o sabor para ela. A independência, a «adoração fora de portas», etc., essas coisas, e muitas outras mais, é que hoje para ela têm importância! A mulher de hoje capacitou-se totalmente de que é independente, de que não precisa do homem para nada. Ver, amar, casar... separar, é quase o lema desgraçado de hoje. Ela pode, manda e quer... ele vai encolhendo os ombros, vai aguentando com a carga. Talvez por não ter ainda esquecido outros tempos, por continuar na terna esperança de ajudar o milagre em que ela se torne de novo mulher, e volte, reconhecendo a sua leviandade.

O homem luta como nunca. Infelizmente, vai perdendo a sua personalidade.

Mas, qual, então, a mulher que queremos e de que a sociedade precisa? Queremos a mulher sensata e prudente, modesta, digna do seu nome, como Deus a criou e pretende que ela seja. Queremos esposas que não atraiçoem a dignidade do casamento e a sua finalidade. É esta a mulher de que a sociedade precisa, de que o homem precisa, de que o País precisa, de que o Mundo precisa.

Queremos que as crianças entrem na vida com o pé direito e não diante do espectáculo que lhes oferece a sociedade transviada dos nossos dias. Queremos que Deus reine nas instituições e no coração de todos nós.

O ateísmo é o cancro de todas as sociedades mal formadas e mal organizadas. Que ele não prolifere entre nós!

Mas a imoralidade que por aí vai é a principal causa do ateísmo e da diminuição da virtude. O álcool, as leituras, os cartazes, as conversas, as drogas, a indisciplina, tudo isso contribui para uma sociedade decadente ou em vias disso.

Olhemos à nossa volta — levantemos bem alto a nossa voz, que é a hora! É hora de dizer... Não!

Oliveira do Bairro, 13.3.78.

M. A. R. SANTIAGO

A COMPANHIA DE SEGUROS MUTUAL, cuja capacidade de organização está patenteada pelo recente lançamento dos Ramos VIDA e MULTILAR, este último fornecendo uma aliciante gama de coberturas dos riscos de «Habitação-Família», continua a desenvolver uma acção de reciclagem e formação dos seus colaboradores.

Para isso tem realizado periodicamente reuniões com os seus Mediadores em vários pontos do país. Pretende assim a Mutual contribuir para a prestação de um serviço cada vez mais eficiente, fornecendo à sua rede de Mediadores condições para divulgar junto do público a verdadeira função do seguro: TRANSMITIR CONFIANÇA PARA ENFRENTAR O FUTURO.

A imagem documenta parcialmente um desses encontros, precisamente o realizado em AVEIRO.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	AVENIDA
Sábado	SAÚDE
Domingo	OUDINOT
Segunda	NETO
Terça	MOURA
Quarta	CENTRAL
Quinta	MODERNA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sexta-feira, 5 — às 21.30 horas; Sábado, 6 — às 15.30 e 21.30 horas — A REBELIÃO DOS LUTADORES — Interdito a menores de 18 anos.

Domingo, 7 — às 15.30 e 21.30 horas — O VENDEDOR DE SONHOS — maiores de 6 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 5 — às 21.30 horas — OS MALUCOS EM HONG-KONG — não acons. a menores de 13 anos.

Sábado, 6 — às 15.30 e 21.30 horas — O INIMIGO — não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 7 — às 11 horas — HEIDI — para todos.

Domingo, 7 — às 15 e 21.30 horas; Segunda-feira, 8 — às 21.30 horas — MADAME BOVARY — não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 7 — Matinée Clássica, às 17.30 horas — A MASCARADA — Não acons. a menores de 18 anos.

ATENÇÃO! Cavaleiros do R. C. 5

A Comissão Organizadora confirma que a reunião dos antigos militares desta Unidade, de que já nestas colunas demos nota, se realiza no próximo dia 4 de Junho de 1978, pelas 10 horas, em Aveiro.

Aqueles que ainda se não inscreveram devem fazê-lo até 15 do corrente, para os membros da Comissão Organizadora, Alfredo Almeida Marques — Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, n.º 257, telefone 24012, ou Tenente Emílio Augusto Fernandes — Batalhão de Infantaria de Aveiro.

Hoje, no «Aveirense», OS GAIATOS DO PADRE AMÉRICO

Como já tivemos o ensejo de referir, «Os Gaiatos do Padre Américo» voltam à nossa cidade, para mais um espectáculo no Teatro Aveirense.

É hoje à noite.

A presença do tão válido e enternecedor conjunto — integrada numa digressão artística pelo país — está a despertar compreensível interesse, pelo que se prevê uma merecida enchente naquela casa de espectáculos.

Casamento

No último sábado, 29 de Abril findo, consorciaram-se, na igreja do Convento de Cristo, em Tomar, a sr.ª Dr.ª Maria da Conceição Falcão Gonçalves Albergaria, filha da sr.ª D. Maria de Lourdes Falcão Gonçalves Albergaria e do sr. Dr. António de Azeredo Albergaria Martins, e o nosso distinto colaborador Dr. José Alexandre de Figueiredo Baptista, filho da sr.ª prof.ª D. Guilhermina Lopes Lino de Figueiredo Baptista Dinis e do sr. António Baptista Dinis.

Foram celebrantes o Rev.º Prior da Freguesia da Glória, de Aveiro, sr. P.e João Gonçalves, e o Rev.º P.e Matos, Páraco de Tomar. E serviram de padrinhos: pela noiva, sua mãe e o sr. Gustavo Zenkel; e, pelo noivo, a sr.ª D. Sílvia Romana Brito de Almeida Vieira da Cruz e o sr. Dr. Abílio Pedro de Brito Fontes.

A favor das obras da Sé CORTEJO DE OFERENDAS

A Catedral da Diocese de Aveiro, antiga Igreja de S. Domingos, que também funciona como Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Glória, da cidade de Aveiro, é um templo cuja fundação data do ano de 1423.

Ao longo dos tempos sofreu várias reparações, acrescentos e alterações, a última das quais — a maior de todas — foi nos nossos dias e a cuja inauguração e consagração presidiu o Bispo da Diocese, D. Manuel de Almeida Trindade, em 11 de Abril de 1976.

É uma obra admirável, quer como templo quer como monumento, e que dignifica a cidade de Aveiro e a sua diocese. Os encargos, enormes, com tais obras de restauro, têm sido suportados, na sua quase totalidade, pela Paróquia da Glória — e daí ainda haver um débito de cerca de 3000 contos que tem de ser solvido com urgência.

Assim, como já aqui tivemos o ensejo de anunciar, vai realizar-se no próximo domingo, dia 7 do corrente, um novo Cortejo de Oferendas; mas, desta vez, com participação a nível diocesano, e promovido pela reestruturada Comissão de Angariação de Fundos.

De salientar que, neste cortejo, tal como no primeiro (realizado em 6 de Maio de 1973), integrar-se-ão carros alegóricos e grupos de senhoras e homens que envergarão trajes típicos de várias épocas da cidade de Aveiro, assim como fanfarras e grupos folclóricos.

A concentração far-se-á na Avenida de 25 de Abril, pelas 13 horas, começando o desfile pelas 13.30. O itinerário é o seguinte: ruas do Infante D. Henrique, de S. Martinho, de Eça de Queirós, dos Combatentes da Grande Guerra e de Coimbra, Ponte-Praça, Avenida do Dr. Lourenço Peixinho (até à Livraria Vieira da Cunha); desce a Avenida em direcção à Ponte-Praça, seguindo pelas ruas do Clube dos Galitos, de Belém do Pará, de Gustavo Pinto Basto, Praça do Marquês de Pombal, Rua do Capitão Sousa Pizarro, Avenida de Araújo e Silva, Rua de S. Sebastião, Largo das Cinco Bicas, Rua de S. Martinho, Rua do Infante D. Henrique, Avenida de 25 de Abril, Largo da Sé.

Ao longo do percurso serão vendidos muitos artigos confeccionados pelos grupos de zonas ou oferecidos pelas casas comerciais da cidade, assim como, no final, serão leiloados os que ainda ficarem por vender. A chegada junto da Sé está prevista para cerca das 17 horas.

Em França, para estágio, elementos dos «BOMBEIROS VELHOS»

Quatro elementos do Corpo Activo da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Aveiro («Bombeiros Velhos») partirão, provavelmente já no próximo domingo, para os arredores de Paris, para estagiar e praticar na fábrica fornecedora da auto-escada recentemente adquirida.

Já ali se encontra o dinâmico Comandante da prestante corporação citadina, António Manuel Machado.

Em Cacia, amanhã, MÚSICA MODERNA

Amanhã, sábado, com início às 21.30 horas, no parque de jogos da «Portucel», em Cacia, realizar-se-á um Festival de Música Moderna, com aliciante programa: Gente Nova (Folk), Perspectiva (Rock), Aqui d'el Rock (Punk) — actuarão, ali, ao vivo.

O tão promissor espectáculo é organizado pela Secção Dinamizadora de Música da Colectividade Popular de Cacia.

Continuação da última página

FUTEBOL

Aveiro nos Nacionais

Próxima jornada (sábado e domingo)

Cartaxo - Covilhã
BEIRA-MAR - Peniche
U. Leiria - U. Santarém
Estrela - U. Tomar
Ac.º Viseu - Mangualde
Sintrense - Portalegrense
Marinhense - Marrazes
U. Coimbra - RECREIO

III DIVISÃO

SÉRIE B

Resultados da 24.ª jornada

Sampedrense - VALECAMBRENSE	2-4
Amarante - Paredes	0-1
BUSTELO - Avintes	1-1
Vilanovense - OLIVEIRENSE	0-1
Infesta - Perosinho	2-2
Freamunde - Leverense	4-2
Lamego - ARRIFANENSE	2-0
CUCUJÃES - Salgueiros	0-1

Classificação actual

Salgueiros, 39 pontos. Paredes, 37. OLIVEIRENSE, 34. Lamego, 29. Amarante, 26. Avintes, 26. Infesta, 25. Leverense, 24. Freamunde, 24. VALECAMBRENSE, 23. Vilanovense, 22. BUSTELO, 22. Perosinho, 16. ARRIFANENSE, 16. CUCUJÃES, 16. Sampedrense, 8.

SÉRIE C

Resultados da 24.ª jornada

Febres - ALBA	0-3
Tocha - OLIVEIRA DO BAIRRO	0-1
Ançã - Gonçalense	3-0
Tondela - Naval	1-1
Viseu Benfica - Molelos	0-0
Gouveia - Marialvas	4-1
Guarda - Covilhã Benfica	7-1
ANADIA - Carapinheirense	3-1

Classificação actual

OLIVEIRA DO BAIRRO, 40 pontos. ALBA, 33. Gouveia, 31. Tondela, 30. Viseu e Benfica, 28. Naval, 27. Ançã, 25. Guarda, 24. ANADIA, 23. Febres, 23. Tocha, 22. Marialvas, 21. Molelos, 20. Carapinheirense, 16. Covilhã e Benfica, 12. Gonçalense, 11.

Próxima jornada (sábado e domingo)

SÉRIE B — ARRIFANENSE - Sampedrense, VALECAMBRENSE - Amarante, Paredes - CUCUJÃES, Salgueiros - BUSTELO, Avintes - Vilanovense, OLIVEIRENSE - Infesta, Perosinho - Freamunde e Leverense - Lamego.

SÉRIE C — Carapinheirense - Tocha, OLIVEIRA DO BAIRRO - Ançã, Gonçalense - Febres, ALBA - Tondela, Naval - Viseu Benfica, Molelos - Gouveia, Marialvas - Guarda e Covilhã Benfica - ANADIA.

Campeonatos Distritais

longuense - Fiães e Arouca - Estarreja.

II DIVISÃO — Fase Final

Resultados da 2.ª jornada

Mealhada - Poutena	2-0
Macinhatense - Fajões	4-0
Milheiroense - Fermentelos	5-0

Classificação actual

Milheiroense, 6 pontos. Macinhatense, 6. Mealhada, 6. Poutena, 2. Fajões, 2. Fermentelos, 2.

Próximos encontros

Fermentelos - Mealhada
Poutena - Fajões
Macinhatense - Milheiroense

BASQUETEBOL

Campeonatos Nacionais

sultado, tirando partido da circunstância de dois aveirenses (Madureira e Peixinho) terem atingido as cinco faltas.

O Galitos, porém, aguentou-se bem e garantiu um triunfo — precioso e incontestavelmente justo —, fruto do empenho e do acerto com que a turma actuou, creditando-se, mesmo, de momentos de excelente nível, que a levaram a ter substanciais vantagens, já na segunda metade (57-41 e 70-53).

Arbitragem segura, isenta, sem margem para reparos.

III DIVISÃO

Como noticiámos, disputou-se nesta cidade, na noite de sábado, uma das meias-finais nortenhas do Campeonato Nacional da III Divisão — sendo adversários o Sporting Figueirense e o Leça.

Os leceiros — evidenciando nítido ascendente (e mesmo privados do concurso dum dos seus melhores elementos, Aniceto, em consequência de lesão cedo contraída) — triunfaram por margem concludente (90-55), comandando já ao intervalo (42-28) apesar da esforçada e animosa réplica dos figueirenses.

Sob arbitragem — imparcial e positiva — dos srs. Raul Gonçalves e Carlos Amaral, da Comissão Distrital de Aveiro, alinharam e marcaram:

Leça — Filipe (4-4), Mendes (9-0), Marcelo (5-10), Aniceto (12-0), Barroso, Lima (6-20), Vítor (6-3), Artur, Mário (0-11) e Pedroso.

Sp. Figueirense — Monteiro (3-5), Figueiredo (13-10), Oliveira (4-8), Martins (6-4), Silva (2-0), Meneses, Taborda, Santos Serra e Machado.

O Leça, na final da Zona Norte, defrontará a turma do T.M.G. que, na outra meia-final, derrotou o conjunto do B.P.A. por 56-52.

Torneio de «Velhas Guardas»

chim (2-5), Rosa Novo (8-14), Júlio Matias (3-4), João Paroleiro (4-2), João Carvalho (0-2) e José Ançã.

1.ª parte: 12-17. 2.ª parte: 22-27.

•

Realizou-se, depois dos encontros da ronda final, um almoço de confraternização dos participantes no torneio.

Aos brindes, usaram sucessivamente da palavra: o Presidente da Comissão Distrital de Árbitros, nosso apreciado colaborador Cap. Joaquim Duarte (que leu uma carta-mensagem de outro dedicado colaborador do LITORAL, Dr. Lúcio Lemos): os representantes dos clubes, João Carvalho (Illiabum), Eng.º Manuel Alves Moreira (Esgueira), Agostinho Marçal (Sangalhos), João Carvalho (Galitos), Dr. António Pinto (Sanjoanense), Dr. Amândio Albuquerque (Sangalhos) e António Rosa Novo (Illiabum); o representante da Associação de Basquetebol de Aveiro, José Almeida e Silva; e o Delegado da Direcção-Geral dos Desportos, Dr. Jorge Severino Silva.

Ficou assente realizar, já de seguida, um novo torneio de «velhas guardas» — com a presença logo assegurada dos cinco participantes da prova que terminou no domingo —, alargado a outros clubes, a quem iam ser dirigidos convites (Amoníaco, Anadia, Ancas, Beira-Mar e Recreio Artístico foram nomes lembrados).

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 37 DO «TOTOBOLA» ★

14 de Maio de 1978

1 — Braga - Académico	1
2 — Setúbal - Benfica	2
3 — Estoril - Portimonense	1
4 — Porto - Espinho	1
5 — Feirense - Boavista	X
6 — Riopele - Varzim	1
7 — Sporting - Guimarães	1
8 — Belenenses - Marítimo	1
9 — Lourosa - A. Lordelo	1
10 — U. Santarém - Beira-Mar	2
11 — Portalegrense - Ac. Viseu	1
12 — Cuf - Barreirense	1
13 — Farense - Juventude	X

FUTEBOL DE SALÃO

com o vencedor da Zona Sul (Banco Português do Atlântico, de Setúbal) a final nacional para apuramento do campeão das equipas da Província, em jogo que está marcado para amanhã, sábado, às 13 horas, em Vila Nova de Ourém.

Os «Cagaréus», depois de vencerem o Campeonato do Distrito de Aveiro, eliminaram, sucessivamente, «Os Sombras» (do Crédito Predial Português de Coimbra), e «Os Vickings» (misto dos Bancos Fonsecas & Burnay, Espírito Santo e Pinto & Sotto Mayor, de Viseu), em desafios realizados nos pavilhões de Sangalhos e dos Olivais (Coimbra), alcançando triunfos por 8-0 e 6-0, respectivamente.

Um vulto nacional da amizade de Homem Cristo — JOÃO DE DEUS RAMOS

Continuação da 1.ª página

dades doutrinárias e de republicanismo militante — com Casimiro Freire. Esse devotadíssimo admirador de João de Deus, como seria talvez ocioso referir com desenvolvimento, mesmo marginal ao assunto a que estas laudas céleres se dirigem, levou uma grande parte da vida, dominantemente lutando pela difusão da «Cartilha Maternal» e do conjunto de complementaridades que dela promanavam para executar.

E nesse combate pertinaz e prestadio dispendeu além do fervor cívico, inamortecido apesar de vicissitudes, de cidadão que se consagrava sem regateio às ideias, às obras e aos homens a que se afeiçoava, mas, do mesmo passo, o tempo, as energias e os haveres juntos, que sacrificou talvez até para além dos limites que lhe permitissem ficar a coberto de preocupações financeiras.

Existem ainda diversas, e por vezes muito curiosas cartas desse sinceríssimo republicano dos tempos da propaganda, em larga parcela escritas em papel timbrado da «Associação das Escolas Moveis e Jardins — Escolas João de Deus» de que foi indubitavelmente um dos mais sólidos sustentáculos e um dos mais incentivantes animadores. Seria mesmo o mais prestimoso e dedicado cooperador na fundação e radicação dos «Jardins-Escolas João de Deus» do filho do patrono e inspirador destes, também grande paladino, insista-se, da instrução infantil, grande apostolizador do método — Homem Cristo considerava-o não apenas o melhor, mas verdadeiramente o único, nos princípios do século actual — do poeta do «Campo de Flores», homem de ideais que não se furtou à acção, destacada figura moral e intelectual, de alto aprumo e distinção que foi João de Deus Ramos.

•

Deste vem a razão destas linhas de modesto preito e evocação. Suscita-as e de algum modo as requer o ensejo de há pouco mais de uma semana haver passado o centenário do seu nascimento e de uma carta sua por coincidência agora haver emergido de um acervo, desordenado, de espécimes epistolográficos e outros papeis amarelecidos pelo tempo.

Também ele, em reflexo de simpatia se manteve ao longo da vida, muito firmemente admirador e amigo de Homem Cristo. E julgamos oportuno e devido, recordá-lo na passagem da efeméride — que em Lisboa não foi olvidada —, e, através dos elos apontados, não desperdiçar a oportunidade para, em Aveiro, lembrar a figura de Aveiro de maior projecção neste século, esse mesmo extremamente vigoroso e profundamente aveirense jornalista e homem público. Que, já algures o dissemos, se inscreveu na galeria dos mais insignes aveirenses de qualquer época, pelo menos num certo estirado período da sua vida, por títulos diversos, incontrovertíveis, de temperamento, de identificação com a comunidade natal, e por esforçados serviços do maior relevo e proveito, mais do que o seu próprio temido jornal, por antonomásia e personificação, «O de Aveiro».

A constância de sentimentos amistosos a que aludimos, entre ambos, manter-se-ia, indestrutível e viva por vários decénios, até ao termo da vida. E se já adiantados os anos trinta, o veemente e implacável polemista aveirense oferece a João de Deus Ramos mais um dos volumes das suas «Notas da Minha Vida e do Meu Tempo», por impulso de simpatia e reciprocidade, por essa altura receberia a reiteração mais expressiva das afirmações de apreço e estima que aquele lhe votava:

...«sabe que o leio habitualmente com a atenção de quem aprende; sabe — porque lho tenho dito já — que encontro na visão superior dos seus escritos, além de ensinamentos vastos, um poder de reflexão excepcionadíssimo, que admiravelmente esclarece e define ideias e factos».

Mas, não visam ainda, estas apressadas e despulidas palavras memorativas, mais de preito que de análise e fundamentada avaliação explícita, constituir a lembrança «da mais viva entusiástica admiração de João de Deus Ramos pelo lutador acerbo e contundente que, afinal, possuía tão vincados traços de afinidade com ele nos aspectos, que tanto os apaixonaram, de caminhar para uma arejada pedagogia, prolífica, tendente à valorização do potencial humano, de que o país carecia.

Pretendem tão somente testificar, com a prova que algumas linhas escritas por sua própria mão sem o mínimo ou a mais longínqua suposição de virem ao conhecimento público, uma faceta de carácter que indubitavelmente mais o elevará no conceito que os pósteros dele guardem, e julgo não haver sido proporcionalmente relevada nas comemorações centenárias dessa interessante e meritória personalidade, a quem, como agora houve ocasião de trazer à tona das reminiscências, Afonso Lopes Vieira, seu antagonista de ideais políticos e tão próximo noutros aspectos qualificou como «um gentil homem da República».

Retrataram-no agora, iluminando-lhe algumas das facetas que mais clara e decisivamente proporcionavam a imagem somática, moral e intelectual, o que dispunha de insinuante e «a sua expressão simultaneamente enérgica e fina, a distinção das suas maneiras, o apuro da sua figura». E simultaneamente com esses predicados, o quilate do seu carácter, o arreigado liberalismo do seu espírito, a agudeza e súbtil argúcia, o multímodo conjunto de aptidões, a aplicação ao estudo meticuloso e penetrante dos assuntos que lhe suscitavam os interesses mentais e as potencialidades de realização.

Mas, nesse homem, cujos aliciantes dotes de captação de simpatias mesmo para os que o não contactaram subsistem de algum modo, reflexamente, mas nesse artista-pedagogo de voz mansa, como lhe recordou Manuela de Azevedo, e que se lhe não ouve mas pressente, a voz calma, macia, não lhe impedia a combatividade de inabalável firmeza. («Assaltado por sicários, escrevia ao mesmo insigne correspondente aveirense, em 21-XI-1936) que quiseram empolgar o produto de alguns anos de trabalho, e pretenderam justificar-se aos olhos do público tentando desacreditar-me, vi o meu nome apontado e deixei-me absorver *inteiramente* pela minha defesa»).

E, com as apontadas, coexistia nele, e não menos influente na sua personalidade uma outra virtude, pouco frequente naqueles que se entregam à acção pública e nela buscam normalmente notoriedade e grande roda de audiência. Esse predicado, até agora praticamente omisso, sem dúvida o enaltece e à dura justa que lhe nimba a memória acrescenta a cintilação de um raio mais de viva luz. Referimo-nos à modéstia, singela e despreconcebida, à humildade não ostensiva que superioriza, ao buscar sem rebuço de que o tomem acaso por degradação de funções e prestígio alguém que julgue excedê-lo, na altura ou na extensão, por conhecimentos ou experiência, subalternizando-se quando se encontrava na posição cimeira.

Desse aspecto tão significante ressalta, na verdade, e com evidência meridiana das linhas que integralmente vamos transcrever. Concreta e límpida, essa definidora carta, é do seguinte teor:

Lx.ª 24-I-20

Meu Illustre Amigo:

Hontem mandei-lhe um telegrama (que o meu presado amigo guardará para si, olhando às circunstâncias) pedindo que me avisasse da sua próxima visita a Lisboa.

Hoje venho por carta instar para que brevemente (pode ser no fim da semana que principia amanhã?) o tenha cá.

Quero conversar largamente consigo. Não receie a peçonha do logar que desempenho, depois dum «estrangulamento» de instancias. Felizmente, tenho a inteligência suficientemente clara para não soffrer de velleidades. Preciso de trocar impressões com o seu espírito altamente preparado. Quero-o em Lisboa por um dia que seja, visto que não poderei tão cêdo d'aqui sahir para o visitar na sua Thebaida.

Lembro-lhe que resoa nos quatro cantos de Portugal o eco do seu pregão de que é preciso salvar o país.

Um apertadissimo abraço
do seu do C.
amigo e adm.or
João de Deus Ramos

Escrita três dias após ter sobraçado a pasta da Instrução Pública, num governo presidido por Domingos Pereira, por um homem que inclusivamente se podia considerar qualificado e creditado pela anterior publicação de várias obras de feição pedagógica ou de orgânica escolar, não sabemos — nem será fácil apurar — até que ponto foi atendida. Cremos, e esse era o pendor e costume de Homem Cristo, e na circunstância movido pela amizade e pelo interesse inveterado que os problemas do ensino lhe despertavam tivesse pronta e favorável acolhida. Mas em que medida os desejos formulados haverão sido correspondidos?

Na verdade, João de Deus Ramos — e o ministério em que participava — nesse período de esterilizadora instabilidade governamental da Primeira República, logo em princípios de Março deixou de ser ministro.

E, por muito úteis que lhe hajam sido as impressões que tenha trocado «com o espírito altamente preparado» de Homem Cristo, o proveito, praticamente não excederia o âmbito individual, já que em actividade ministerial tão efémera não teve tempo de lhes dar utilização válida, como intentava. Deixamos, todavia, aqui registado um gesto, na sua singeleza nobilitante para a memória ilustre de João de Deus Ramos, para a qual juntando o seu nome ao de um aveirense sempre presente na admiração e no reconhecimento dos seus conterrâneos, apenas pretendemos trazer o singelo contributo, espontâneo e fortuito, de um minúsculo grão de areia, nesta oportunidade.

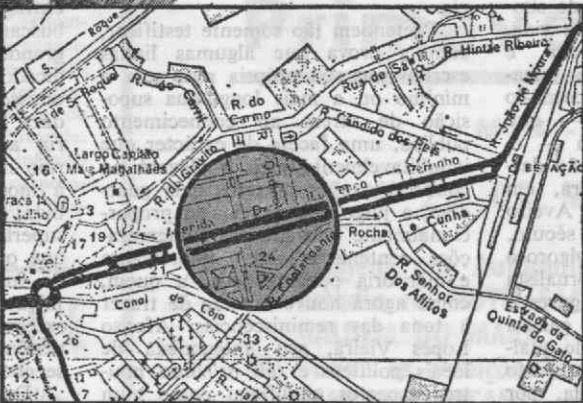
EDUARDO CERQUEIRA

AÍ.CONVOSCO. AO PÉ DA PORTA.

o C.P.P. resolve problemas locais no próprio local.

AVEIRO

Av. Lourenço Peixinho, 151 — Telefs. 25077/25078

O Crédito Predial Português vem ter convosco. O progresso de Aveiro tornou a nossa presença necessária. Aveiro cresce. O Crédito Predial Português compreendeu isso muito bem. E vem trazer-vos vantagens únicas. Aí convosco. Ao pé da porta.

Crédito à habitação. Crédito à Construção. Crédito ao investimento.
Desconto de letras e livranças.
Depósitos a prazo (maior juro nacional). Depósitos à ordem (maior juro nacional).
Cofre-Mealheiro (quase o juro dum depósito a prazo numa conta à ordem).
Extractos de conta semanais. Operações com o estrangeiro. Câmbios.
Tranferências e depósitos especiais para emigrantes.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

SERFILAN — TECIDOS E VESTUÁRIO, S. A. R. L. — AVEIRO

Relatório e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal — Exercício de 1977

Contas aprovadas em Assembleia Geral no dia 24 de Março de 1978

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Excelentíssimos Senhores Accionistas:

Dando cumprimento às disposições legais e estatutárias, temos a honra de apresentar e submeter à Vossa apreciação o Relatório e Contas referente ao Exercício findo em 31 de Dezembro de 1977.

Através dos mapas que incluímos e consideramos relativamente suficientes para uma análise da situação económica e financeira da Empresa, poderão V. Ex.as apreciar o trabalho desenvolvido pela Administração e Colaboradores.

Os lucros líquidos, depois de deduzidas as importâncias necessárias às Provisões e Amortizações de acordo com a Lei Fiscal e ao pagamento de todas as Contribuições e Encargos, foram de Esc. 205 533$25, para os quais propomos a seguinte distribuição:

— Para Reserva Legal		10 276$70
— Para Dividendos		200 000$00
— Artigos 13.º, 15.º e 19.º dos Estatutos		24 000$00
		234 276$70
— De Deservas Livres	26 259$18	
— De Resultados Transitados	2 484$27	(—) 28 743$45
		205 533$25

Por força dos Estatutos (Artigos 13.º, 15.º e 19.º), a Administração é de opinião que este ano os Corpos Gerentes recebam as seguintes percentagens: Conselho de Administração 6%, Conselho Fiscal 4%, Mesa da Assembleia Geral 2%, incidindo a distribuição sobre os dividendos.

Com os nossos melhores cumprimentos, temos a honra de nos subscrever,

Muito atentamente,

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente: *Manuel de Oliveira*
Vogais: *Alfredo de Oliveira*
Aniano A. S. Martins

BALANÇO ANALÍTICO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1977

ACTIVO

Código das contas		Activo bruto	Provisões, amortizações e reintegrações	Activo líquido
	DISPONIBILIDADES:			
11	Caixa	261 058$65		261 058$65
12	Depósitos à ordem	446 100$67		446 100$67
		707 159$32		707 159$32
	CRÉDITOS A CURTO PRAZO:			
211+216	Clientes, c/ gerais	10 014 722$10	407 887$10	9 606 835$00
213	Clientes, c/ letras e outros títulos a receber	331 829$80	73 860$90	257 968$90
221	Fornecedores c/c	337 337$30		337 337$30
26	Outros devedores	17 420$00		17 420$00
		10 701 309$20	481 748$00	10 219 561$20
	EXISTÊNCIAS:			
32	Mercadorias	23 535 930$10	2 353 593$00	21 182 337$10
		23 535 930$10	2 353 593$00	21 182 337$10
	IMOBILIZAÇÕES FINANCEIRAS:			
413	Participações de capital na própria empresa	5 000$00		5 000$00
418	Obrigações e outros títulos	10 000$00		10 000$00
		15 000$00		15 000$00
	IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS:			
422	Edifícios e outras construções	26 471$30	22 836$30	3 635$00
423	Equipamentos básicos e outras máquinas e instalações	175 287$40	119 662$10	55 625$30
424	Ferramentas e utensílios	26 203$50	17 288$70	8 914$80
425	Material de carga e transporte	322 173$00	205 281$10	116 891$90
426	Equipamento administrativo e social e mobiliário diverso	284 774$40	189 584$80	95 189$60
429	Outras imobilizações corpóreas	2 237$00	213$30	2 023$70
		837 146$60	554 866$30	282 280$30
	CUSTOS ANTECIPADOS:			
27	Despesas antecipadas	78 500$00		78 500$00
		78 500$00		78 500$00
	Total de provisões		2 835 341$00	
	Total de amortizações e reintegrações		554 866$30	
	Total do activo	35 875 045$22	3 390 207$30	32 484 837$92

PASSIVO

Código das contas		Passivo e situação líquida
	DÉBITOS A CURTO PRAZO:	
211	Clientes, c/c	149 373$80
221	Fornecedores c/ gerais	684 246$00
223	Fornecedores c/ letras e outros títulos a pagar	17 161 484$10
235	Empréstimos bancários	4 220 000$00
236	Empréstimos de sócios	3 805 195$10
24	Sector público estatal	1 732 915$40
255	Accionistas, c/ gerais	28 335$90
269	Outros credores, c/ gerais	281 365$80
28	Provisões para impostos sobre os lucros	337 109$00
		28 400 025$10
	Total do passivo	28 400 025$10

SITUAÇÃO LÍQUIDA

	CAPITAL E PRESTAÇÕES SUPLEMENTARES:	
52	Capital social	2 000 000$00
		2 000 000$00
	RESERVAS:	
556	Reserva legal	176 795$30
58	Reservas livres	1 700 000$00
		1 876 795$30
	RESULTADOS TRANSITADOS:	
591	Exercício de 1976	2 484$27
		2 484$27
88	**RESULTADOS LIQUIDOS:**	
	Resultados correntes do exercício	772 229$45
	Resultados extraordinários do exercício	72 303$80
	Resultados de exercícios anteriores	(—) 301 891$00
	Resultados antes dos impostos	542 642$25
	Provisões para impostos sobre os lucros	(—) 337 109$00
	Resultados líquidos depois dos impostos	205 533$25
	Total da situação líquida	4 084 812$82
	Total do passivo e da situação líquida	32 484 837$92

O TÉCNICO DE CONTAS
Ernesto Domingos M. Pereira

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente: *Manuel de Oliveira*
Vogais: *Alfredo de Oliveira*
Aniano A. S. Martins

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS

Código da conta				
	Existências iniciais:			
32	Mercadorias		18 002 219$00	
61	Compras	37 167 878$30		
	Deduções em compras	(—) 2 303 069$60	34 864 808$70	
	Existências finais:			
32	Mercadorias		(—)23 535 930$10	
61	Custo das existências, vendidas e consumidas:			
	611 Mercadorias		29 331 097$60	
63	Fornecimentos e serviços de terceiros	3 008 135$60		
	641 Impostos — Indirectos	216 690$50	3 224 826$10	32 555 923$70
	642 Impostos — Directos	3 686$40		
65	Despesas com o pessoal	2 805 504$50		
66	Despesas financeiras	4 250 949$85		
67	Outras despesas e encargos	16 608$00	7 076 748$75	
68	Amortizações e reintegrações do exercício	68 243$90		
69	Provisões do exercício	819 311$70	887 555$60	7 964 304$35
				40 520 228$05
83	Perdas de exercícios anteriores		301 891$00	301 891$00
	Provisões para impostos sobre os lucros			337 109$00
	Resultados líquidos			205 533$25
				41 364 761$30
71	Vendas de mercadorias e produtos:			
	711 Mercadorias	43 411 489$30		
	Deduções em vendas	(—) 2 343 145$60	41 068 343$70	41 068 343$70
76	Receitas financeiras correntes		223 613$80	
77	Receitas de aplicações financeiras		500$00	224 113$80
				41 292 457$50
82	Ganhos extraordinários do exercício		72 303$80	72 303$80
				41 364 761$30

ANEXO AO BALANÇO E À DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

1 — Não existem elementos patrimoniais localizados no estrangeiro.
2 — Não existem participações estrangeiras.
3 — Valores globais dos débitos do estrangeiro:

211 — Clientes c/ gerais	29 236$80
213 — Clientes c/ letras e outros títulos a receber	162 862$80
Total	192 099$60

4 — Vendas globais feitas ao estrangeiro:
980 156$20
5 — Não existem empresas associadas.
6 — Relação dos Accionistas com pelo menos 10% do Capital Social, com débitos e créditos:

Nomes:	débito a curto prazo:	crédito a curto prazo:
Alfredo de Oliveira		80 958$80
Manuel de Oliveira	1 350$00	3 396 550$70

7 — Não existem débitos de sócios por subscrição de capital.
8 — Critério valorimétrico é o custo médio e não se verificando alteração relativamente aos anteriores exercícios.
9 — Valor global dos créditos de cobrança duvidosa:
216 — 333 215$20
10 — Não existem débitos nem créditos com o Pessoal.
11 — Saldo da conta de Imposto de Transacções — 242 1 469 534$50
Liquidado durante o exercício 4 383 074$40

12 —

Remunerações dos corpos gerentes	— 651	328 500$00
Ordenados e salários	— 652	2 026 289$90
Encargos sobre remunerações	— 654	420 261$60
Outras despesas com o pessoal	— 657	30 453$00
Total		2 805 504$50

13 — Não existem fundos afectos por contas.
14 — A conta 235 — Empréstimos bancários —, no valor global de 4 220 000$00, encontra-se titulada por livranças e aceites bancários.
15 — Não existem valores patrimoniais onerados.
16 — Não existem valores fora da empresa.
17 — Não existem imobilizações corpóreas e em curso, nas condições apontadas no Plano.
18 — O capital social foi realizado em dinheiro em 1963.
19 — Não existem participações do Estado.
20 — Não existem associadas.
21 — Não existem quaisquer participações no capital social.
22 — Não existe capital social amortizado.
23 — Relação nominal das acções e obrigações em 31/12/77:

	Quantidade	Valor nominal	Preço Médio Compra	Cotação na Bolsa	Valor de Balanço		Valor total de aquisição
					Unit.	Total	
1. TÍTULOS DE CRÉDITO Obrigações do Tesouro 10% — 1975	20	500$00	500$00	—$—	500$00	10 000$00	10 000$00
2. ACÇÕES Acções próprias	5	1 000$00	1 000$00	—$—	1 000$00	5 000$00	5 000$00
TOTAL						15 000$00	15 000$00

24 — Ver mapa anexo.
25 — Ver mapa anexo.
26 — Valor da responsabilidade por letras descontadas ... 1 846 522$70
Valor das acções dos Administradores em caução ... 80 000$00
Valos dos avales prestados por terceiros nos financiamentos bancários a favor da empresa ... 4 220 000$00

Continua na página seguinte

24 — Movimentos das contas da Situação Liquida ocorridos no exercício

Contas	Saldo inicial	Movimento no exercício — A débito	Movimento no exercício — A crérito	Saldo final
52 — Capital social	2 000 000$00			2 000 000$00
55 — Reservas legais e estatutárias	138 559$30		38 236$00	176 795$30
58 — Reservas livres	1 200 000$00		500 000$00	1 700 000$00
59 — Resultados transitados			2 484$27	2 484$27
88 — Resultados líquidos	764 720$27	1 403 720$27	844 533$25	205 533$25
OBS.: Referências à conta de Resultados líquidos:				
— Movimento a débito: 764 720$27 Distribuição dos Resultados Líquidos do exercício anterior.				
639 000$00				
Provisões para Impostos s/ os lucros e Resultados do exercício anterior.				
— Movimento a crédito: 844 533$25 Resultados correntes do exercício e Resultados extraordinários do exercício.				

25 — Movimentos das Contas de Provisões ocorridos no exercício

Contas	Saldo inicial	Constituição e reforço	Utilização	Reposição e anulação	Saldo final
28 — Provisões para impostos sobre os lucros:					
281 — Para Contribuição Industrial		202 498$00			202 498$00
282 — Para Imposto Complementar		33 362$00			33 362$00
284 — Para Imposto de Comércio e Indústria		101 249$00			101 249$00
		337 109$00			337 109$00
29 — Provisões para cobranças duvidosas e outros riscos e encargos:					
291 — Provisões para cobranças duvidosas: 2911 — Para clientes	234 102$70	265 940$60	92 156$20		407 887$10
292 — Provisões para outros riscos e encargos: 2921 — Para letras descontadas	85 379$70			11 518$80	73 860$90
	319 482$40	265 940$60	92 156$20	11 518$80	481 748$00
39 — Provisão para depreciação de existências: 391 — Mercadorias	1 800 221$90	553 371$10			2 353 593$00

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Excelentíssimos Senhores Accionistas:

No cumprimento da nossa missão, tivemos oportunidade, durante o ano de mil novecentos e setenta e sete, de acompanhar a actividade desenvolvida pelo Conselho de Administração e de examinar as Contas sempre que o desejámos e de examinar também o Relatório e Contas que o Conselho de Administração nos apresenta em relação ao mesmo exercício e cuja exactidão verificámos.

Nestas condições, somos de parecer que:

1.º — Aproveis o Relatório e as Contas apresentadas pelo Conselho de Administração;

2.º — Aproveis a proposta de distribuição de resultados contida no referido relatório.

Aveiro, 11 de Fevereiro de 1978

O CONSELHO FISCAL

Presidente: *José Eurico Tavares Moutinho da Fonseca*

Vogais: *Eng.º Osvaldo Artur Oliveira e Rocha*

Mário de Oliveira

TRIBUNAL DO TRABALHO DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias, para citação de quaisquer credores incertos, para no prazo de dez dias, findos que sejam o dos éditos e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução, em que é exequente A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE AVEIRO, e executada MARTINS & SOARES, Lda., com sede na Rua Dr. João de Moura n.º 77 — Aveiro, cuja execução corre seus termos pela 2.ª Secção da 1.ª Vara sob o n.º 484/75.

Aveiro, 30 de Março de 1978.

O JUIZ,

a) *António de Sousa Lamas*

O ESCRIVÃO,

a) *José João de Jesus*

LITORAL - Aveiro, 5/5/78 — N.º 1198

TRIBUNAL DO TRABALHO DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pelo presente se anuncia que correm éditos de vinte dias, para citação de quaisquer credores incertos, para no prazo de dez dias, findos que sejam o dos éditos e a contar da publicação do segundo e último anúncio, deduzirem os seus direitos nos autos de execução ,em que é exequente A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE AVEIRO, e executada MARTINS & SOARES, LDA., com sede na Rua Dr. João de Moura, n.º 77 — Aveiro, cuja execução corre seus termos pela 2.ª Secção da 1.º Vara sob o n.º 261/76.

Aveiro, 30 de Março de 1978.

O JUIZ,

a) *António de Sousa Lamas*

O ESCRIVÃO,

a) *José João de Jesus*

LITORAL Aveiro, 5/5/78 — N.º 1198

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Faz-se saber que pela primeira Secção do Segundo Juízo desta comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, contados a partir da segunda e última publicação do presente anúncio citando ANTÓNIO VIEIRA MAIO e mulher MIRNA VIEIRA ROMERO, ausentes em parte incerta da Venezuela, com última residência conhecida em Portugal, na Estrada de São Bernardo — Aveiro, nos autos de Inventário Facultativo n.º 68/77, por óbito de Manuel Vieira dos Santos, que foi residente em Aveiro e em que é cabeça de casal Rosa de Jesus Maio Júnior, viúva, doméstica, residente na Rua Infante D. Henrique n.º 4-A - Dt.º — Aveiro, para assistir aos termos do referido processo.

Aveiro, 18 de Março de 1978.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *José Alexandre de Lucena Vilhegas do Valle*

O ESCRIVÃO DE DIREITO,

a) *António José Robalo de Almeida*

LITORAL - Aveiro, 5/5/78 — N.º 1198

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

Direcção-Geral dos Combustíveis

E D I T A L

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que a firma EUROGRÉS — SOCIEDADE INDUSTRIAL DE GRÉS L.DA, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases do petróleo liquefeitos com a capacidade aproximada de 7 480 litros, sita em Oronhe, freguesia de Espinhel, concelho de Águeda, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições dos Decretos n.os 29 034, de 1 de Outubro de 1938 e 198/70, de 24 de Abril que regulamentam a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas dos Decretos n.os 36 270, de 9 de Maio de 1947 e 422/75, de 11 de Agosto que aprovam o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º D.to, no Porto.

Porto, 14 de Fevereiro de 1978.

O ENGENHEIRO-CHEFE DA DELEGAÇÃO,

a) *Artur Mesquita*

LITORAL - Aveiro, 5/5/78 — N.º 1198

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico, para publicação que por escritura de 20 de Abril de 1978, de fls. 60 a 61 v.º do livro de escrituras diversas n.º 530-A, deste Cartório, outorgada perante o notário Lic. Jorge Manuel Baptista Ramalho Miranda, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada entre João Manuel, António Marques Alves da Silva e Manuel Branco de Oliveira, nos termos dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «Marques da Silva, Limitada», e tem a sua sede nesta cidade de Aveiro, na Rua do Gravito n.º 127, rés do chão, freguesia da Vera-Cruz, e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

2.º — O capital social é de 300 mil escudos, igual à soma das quotas dos sócios, que são de 100 mil escudos cada uma e está integralmente realizada em dinheiro, já entrado na Caixa Social.

3.º — O objecto da sociedade é o fabrico e comércio de confecções, podendo exercer qualquer outro ramo de negócio em que os sócios acordem e que não dependa de autorização especial.

4.º — A gerência da sociedade será exercida por todos os sócios, com dispensa de caução, mas, para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos basta a assinatura de um dos gerentes.

5.º — A cessão de quotas é livre entre os sócios, mas na cessão a estranhos terão direito de opção, a sociedade em primeiro lugar, e o sócio ou sócios não cedentes, em segundo lugar.

6.º — Nos casos em que a lei não exija outras formalidades, as assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios e expedidas com 10 dias de antecedência, pelo menos.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida além ou em contrário ao que aqui se narra ou transcreve.

Aveiro, 27 de Abril de 1978.

O AJUDANTE

a) *José Fernandes Campos*

LITORAL - Aveiro, 5/5/78 — N.º 1198

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

AVEIRO nos 'NACIONAIS'

I DIVISÃO

Resultados da 24.ª jornada

Académico - Benfica	0-3
Braga - Portimonense	2-0
V. Setúbal - ESPINHO	1-1
Estoril - Boavista	0-1
Porto - Varzim	5-1
FEIRENSE - V. Guimarães	0-1
Riopele - Belenenses	1-0
Sporting - Marítimo	3-0

Classificação actual

Porto, 42 pontos. Benfica, 41. Braga, 33. Sporting, 31. Belenenses, 29. Vitória de Guimarães, 26. Boavista, 23. Vitória de Setúbal, 22. Académico, 21. Varzim, 20. ESPINHO, 18. Riopele, 18. Estoril, 17. Portimonense, 16. Marítimo, 16. FEIRENSE, 12.

Próxima jornada (sábado e domingo)

Marítimo - Académico
Benfica - Braga
Portimonense - V. Setúbal
ESPINHO - Estoril
Boavista - Porto
Varzim - FEIRENSE
V. Guimarães - Riopele
Belenenses - Sporting

II DIVISÃO

ZONA NORTE

Resultados da 24.ª jornada

Rio Ave - Régua	3-0
Fafe - Famalicão	0-2
Vianense - SANJOANENSE	1-0
Penafiel - Aliados	3-2
Paços Ferreira - LAMAS	1-3
LUSITANIA - Gil Vicente	1-1
Leixões - Chaves	3-1
Vila Real - PAÇOS DE BRANDÃO	1-0

Classificação actual

Famalicão, 39 pontos. Aliados, 29. Fafe, 27. Rio Ave, 26. Penafiel, 25. Vianense, 25. Leixões, 24. LAMAS, 24. Paços de Ferreira, 24. PAÇOS DE BRANDÃO,, 23. Chaves, 23. LUSITANIA, 20. Régua, 20. SANJOANENSE, 19. Gil Vicente, 18. Vila Real, 18.

Próxima jornada (sábado e domingo)

PAÇOS DE BRANDÃO - Rio Ave
Régua - Fafe
Famalicão - Vianense
SANJOANENSE - Penafiel
Aliados - Paços de Ferreira
LAMAS - LUSITANIA
Gil Vicente - Leixões
Chaves - Vila Real

ZONA CENTRO

Resultados da 24.ª jornada

Covilhã - BEIRA-MAR	0-2
Peniche - U. Leiria	3-0
U. Santarém - Estrela	1-1
U. Tomar - Ac. Viseu	0-0
Mangualde - Sintrense	2-1
Portalegrense - Marinhense	1-1
Marrazes - U. Coimbra	2-0
RECREIO - Cartaxo	3-1

Classificação actual

	J	V	E	D	Bolas	P
BEIRA-MAR	24	16	6	2	41-13	38
Ac.º Viseu	23	12	7	4	43-22	31
U. Tomar	24	10	9	5	22-13	29
Portalegrense	24	10	8	6	31-21	28
Estrela	24	11	5	8	36-27	27
Peniche	24	8	10	6	31-26	26
Marinhense	24	9	8	7	24-27	26
U. Santarém	24	8	9	7	25-20	25
U. Leiria	23	8	7	8	25-31	23
Mangualde	24	7	9	8	20-29	23
RECREIO	24	6	10	8	22-22	22
U. Coimbra	24	6	8	10	18-25	20
Marrazes	24	5	8	11	20-35	18
Cartaxo	24	5	3	16	17-39	13
Sintrense	24	4	4	16	19-39	12

Continua na página 5

FUTEBOL DE SALÃO

TORNEIO INTERBANCÁRIO

Cagaréus EM GRANDE EVIDENCIA

Na última sexta-feira, no Pavilhão de Ovar, na final de apuramento do campeão da Zona Norte do Torneio Nacional Interbancário de Futebol de Salão, a turma dos «Cagaréus» (do Banco Fonsecas & Burnay, de Aveiro) derrotou, por 3-1 (em desempate, por penalties — depois de igualdade a uma bola, no fim do tempo normal e do prolongamento regulamentar) a equipa dos «Nacibs» (do Banco Borges & Irmão, de Lourosa).

A turma aveirense — em grande evidência na competição, onde se mantém invicta — qualificou-se para disputar

Continua na página 5

CAMPEONATOS DISTRITAIS DA A. F. DE AVEIRO

I DIVISÃO

Resultados da 26.ª jornada

Paivense - Avanca	0-1
Pinheirense - S. Roque	1-0
Ovarense - Luso	1-0
Esmoriz - Cesarense	0-1
Nogueirense - Cortegaça	1-2
Pampilhosa - Valonguense	2-1
Fiães - Arouca	1-0
Estarreja - S. João de Ver	4-0

Classificação actual

Avanca, 63 pontos. Cortegaça, 63. Nogueirense, 60. Ovarense, 60. Esmoriz, 59. Arouca, 55. S. João de Ver, 52. Paivense, 52. Fiães, 52. Estarreja, 52. Cesarense, 52. Valonguense, 48. Luso, 47. Pampilhosa, 47. S. Roque, 46. Pinheirense, 39.

Próximos encontros

S. João de Ver - Paivense, Avanca - Pinheirense, S. Roque - Ovarense, Luso - Esmoriz, Cesarense - Nogueirense, Cortegaça - Pampilhosa, Va-

Continua na página 5

Covilhã, 0 — Beira-Mar, 2

Jogo no Campo do Dr. José dos Santos Pinto, na Covilhã, sob arbitragem do sr. Joaquim Gonçalves, da Comissão Distrital do Porto.

As equipas formaram deste modo:

Covilhã — *Guilherme; Ribeiro, Baixa, Fragoso e Marivaldo (Bráulio, aos 75 m.); Brito, Nelinho e Velho; Minho, Paulista e Fazenda (Coimbra, aos 75 m.).*

Beira-Mar — *Jesus, Manecas, Quaresma, Sabú e Poeira; Vítor, Sobral e Jorge (Nelson Reis, aos 70 m.); Germano, Sousa e Abel (Cambra'a, aos 59 m.).*

O resultado ficou estabelecido durante o primeiro tempo, com golos obtidos por VITOR, aos 8 e aos 40 minutos, para o Beira-Mar.

Excelente e deveras oportuna, esta vitória dos auri-negros, confirmou e fortificou a posição cimeira dos aveirenses na tabela classificativa — dado que, na jornada de domingo, os seus competidores mais chegados não foram além de empates.

A turma serrana, sempre inconformada, ofereceu boa réplica — circunstância que valorizou o êxito (merecido) dos beiramarenses.

Arbitragem conduzida com acerto, em bom plano, num jogo que, de resto, decorreu sem problemas.

CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO

Resultados da 7.ª jornada

Sporting - Académico	108-81
SANGALHOS - Ginásio	84-62
Barreirense - Benfica	74-83

Resultados da 8.ª jornada

Barreirense - Académico	91-82
Sporting - Benfica	108-88

Tabela de pontos

	J	V	D	Bolas	P
Sporting	7	6	1	699-578	13
Ginásio	6	4	2	512-501	10
Benfica	7	3	4	533-585	10
Barreirense	7	3	4	558-578	10
SANGALHOS	6	3	3	498-485	9
Académico	7	1	6	582-655	8

Próximos encontros

Sábado — Benfica - SANGALHOS, Académico de Coimbra - Ginásio Figueirense e Barreirense - Sporting. **Domingo** — Académico de Coimbra - SANGALHOS e Benfica - Ginásio Figueirense.

II DIVISÃO

GRUPO NORTE A

Resultados da 6.ª jornada

Vasco da Gama - Naval	90-68
Sport - Salesianos	86-63
GALITOS - Académico	79-71

Resultados da 7.ª jornada

Académico - Vasco da Gama	80-79
Naval - Sport	75-82
Salesianos - GALITOS	73-63

Tabela de pontos

	J	V	D	Bolas	P
Académico	7	5	2	543-494	12
Sport	7	5	2	543-500	12
Vasco da Gama	7	4	3	496-474	11
GALITOS	7	3	4	486-491	10
Salesianos	7	3	4	446-509	10
Naval	7	1	6	494-540	8

Próximos desafios

Sábado — Vasco da Gama - Salesianos, GALITOS - Sport e Naval - Académico. **Domingo** — GALITOS - Vasco da Gama, Salesianos - Naval e Sport - Académico.

GRUPO NORTE B

Resultados da 6.ª jornada

ILLIABUM - Vilanovense	62-51
Académica - C. P. Matosinhos	71-51
Guifões - Gaia	adiado

Resultados da 7.ª jornada

C. P. Matosinhos - ILLIABUM	70-68
Vilanovense - Guifões	80-75
Gaia - Académica	63-48

Tabela de pontos

	J	V	D	Bolas	P
ILLIABUM	7	4	3	445-446	11
Guifões	6	4	2	428-385	10
Vilanovense	7	3	4	481-488	10
Académica	6	3	3	382-352	9
C. P. Matosin.	6	3	3	399-439	9
Gaia	6	2	4	349-374	8

Próximos desafios

Sábado — ILLIABUM - Gaia, Vilanovense - C. P. Matosinhos e Académica - Guifões. **Domingo** — Académica - ILLIABUM, Gaia - Vilanovense e Guifões - C. P. Matosinhos.

Galitos, 79 Académico, 71

Jogo no Pavilhão Gimnodesportivo, sob arbitragem dos srs. Francisco Silva e Jorge Reis, da Comissão Distrital de Lisboa.

Alinharam e marcaram:

Galitos — Encarnação (6-6), Manuel Guerra (0-2), Peixinho (14-3), Moreira (6-4), Madureira (9-12), Jorge Guerra (6-6), Meno (3-1), Antunes (0-2), Rui e Tó-Mané.

Académico — Leite (13-10), Alberto (7-10), Júlio (4-4), Nelson (6-9), Romero (3-0), Machado (0-1), Pinto (0-2), Oliveira (0-2), Valentim e André.

1.ª parte: 43-33. 2.ª parte: 36-38.

Partida emocionante, sobretudo no período final, quando os portuenses, em forcing notável deram tudo-por-tudo no sentido de virarem o re-

Continua na página 5

BADMINTON

EM SELECÇÕES JUNIORES

AVEIRO DERROTOU (5-2) COIMBRA

No Pavilhão Gimnodesportivo do Estádio Universitário de Coimbra, disputou-se, recentemente, um encontro de badminton entre as selecções de Aveiro e de Coimbra (categoria de juniores) — tendo os aveirenses obtido um excelente triunfo, por 5-2.

A Selecção de Aveiro integrou elementos da Associação Atlética de Avanca, do Clube dos Galitos e do Clube do Povo de Esgueira — verificando-se os seguintes resultados parciais:

José Loureiro (C) - António Henriques (A), 2-1 (13-15, 15-13 e 17-16). João Moreto (A) - Luís Castro (C), 2-0 (18-14 e 15-0). José Ferreira (C) - Vasco Melo (A), 2-1 (2-15, 15-6 e 15-8). Rosa Maria - Silvina Rocha (A) - Manuela Rodrigues - Teresa Gomes (C), 2-0 (15-4 e 18-3). João Moreto - - Vasco Melo (A) - José Loureiro - - Luís Castro (C), 2-0 (15-6 e 15-6). Silvina Rocha (A) - Teresa Gomes (C), 2-0 (11-4 e 11-5). Teresa Maia - - Pedro Castilho (A) - Manuela Rodrigues - José Ferreira (C), 2-1 (15-10, 15-18 e 15-12).

TORNEIO DE «VELHAS GUARDAS»

Na manhã de domingo, no Pavilhão de Sangalhos, como tínhamos anunciado, concluiu a prova reservada a «velhas guardas», com jogos que terminaram com os seguintes desfechos:

SANGALHOS - SANJOANENSE	54-43
GALITOS - ILLIABUM	34-44

As partidas decorreram com interesse, sendo ambas dirigidas por Iracy Pinho e Fernanda Carvalho, da Comissão Distrital de Aveiro.

Equipas e marcadores:

SANGALHOS (54) — Armério Serralheiro, Feliciano Neves, Agostinho Marçal (7-7), Manuel Barbosa (9-10), Manuel Calvo (4-0), Antero Silva, António Gonçalves, Adão Ribeiro (0-5), Dr. Amândio Albuquerque (4-8) e Antônio Maria.

SANJOANENSE (43) — Armando Cunha (5-6), Aureliano Carvalho (6-4), Carlos Silva (0-2), Dr. António Pinto (8-14), Manuel Ferreira, José Almeida, Américo Cunha e Manuel Martins.

1.ª parte: 24-21. 2.ª parte: 30-22.

GALITOS (34) — Jeremias Alves (4-4), Artur Fino (2-2), Arlindo Silva (2-6), Albertino Pereira (0-4), João Carvalho (4-6), José Nogueira, António Charneira, Luís Bernardo, Adriano Robalo e José Calisto.

ILLIABUM (43) — Amadeu Ca-

Continua na página 5